



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2>

ISSN 2177-2940
(Online)

A2

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Em defesa da tradição: Luiz de França, mestre do maracatu-nação Leão Coroado, nas memórias de maracatuzeiros e maracatuzeiras

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2.34574>

Ivaldo Marciano de França Lima

Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia, DEDC II, Membro permanente do Programa de Pós Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais da UNEB/DEDC II (Alagoinhas), e coordenador do Programa de Pós Graduação em Estudos Africanos e Representações da África da UNEB DEDC II, ivaldomarciano@gmail.com

Palavras-chave:

Maracatu; Nação Leão Coroado; tradição; Luiz de França; memória

Keywords:

Maracatu; Nação Leão Coroado; tradition; Luiz de França; memory.

Palabras Clave:

Maracatu; Nação Leão Coroado; tradición; Luiz de França; memoria

Resumo

Luiz de França foi um dos mais significativos mestres de maracatu nação. Dirigiu e articulou o maracatu Nação Leão Coroado, entre os anos de 1950 até sua morte, em 1997. Ainda hoje a sua memória é reivindicada por grupos de maracatus existentes no Recife. Tal questão indica diferentes aspectos nos processos de construção das memórias, e da forma como estas são usadas no presente. Este artigo objetiva discutir e analisar as performances de Luiz de França, bem como suas estratégias cotidianas a partir das memórias dos maracatuzeiros pernambucanos. Entendendo a memória como fruto dos processos históricos, também é objetivo deste trabalho analisar as diferentes formas como a memória é construída, trazendo à tona questões de ordem teórico-epistemológica a respeito da cultura negra, dos maracatus e dos maracatuzeiros recifenses.

Abstract

In defense of tradition: Luiz de França, master Maracatu nation-Crowned Lion, the memories of maracatuzeiros and maracatuzeiras

Luiz de France was one of the most significant masters of maracatu nation, addressed and articulated maracatu Crowned Lion Nation, from 1950's until his death in 1997. Even today his memory is claimed by groups of "maracatus" existing in Recife. Such question indicates different aspects in the processes of building memories, and how these are used at present. This article aimed to discuss and analyze the performance of Luiz de France, as well as daily strategies from the memories of "maracatuzeiros Pernambucanos". Understanding the memory as the result of historical processes, it was also objective of this work to analyze the different ways the memory is constructed, bringing up issues of theoretical-epistemological order about black culture, "maracatus" and "maracatuzeiros recifenses".

Resumen

En la defensa de la tradición: Luiz de França, maestro del Maracatu-Nação Leão Coroado, en los recuerdos de maracatuzeiros y maracatuzeiras.

Luiz de França fue uno de los más importantes maestros del *maracatu nação* (ritmo musical afro-brasileño). Comandó y unió el *maracatu Nação Leão Coroado*, desde la década de 1950, hasta su muerte en 1997. Aunque hoy, su memoria sea requerida por los grupos de *maracatu* existentes en Recife. Tal reclamación indica diferentes aspectos en los procesos de memoria, y como estos se utilizan en la actualidad. El objetivo de este artículo es discutir y analizar las actuaciones de Luiz de França, así como las estrategias cotidianas de los recuerdos de *maracatuzeiros* de Pernambuco-Brasil. Comprendiendo la memoria como resultado de procesos históricos, también es objetivo de este trabajo analizar las diferentes formas de construcción de la memoria, demostrando cuestiones de naturaleza teórica y epistemológica sobre la cultura negra de los *maracatus* *maracatuzeiros* de la ciudad de Recife-PE-Brasil.

Como pensar nos maracatus nação enquanto práticas sem atribuir aos mesmos a condição de grupos formados por homens e mulheres? Mas, antes de mais nada, como pensar em um maracatu que não seja integrado por rostos, com cores, cheiros, gestos, nomes, intenções e sentidos, quando estes foram representados enquanto grupos homogêneos, na maioria das vezes destituídos dos seus nomes próprios? Bem, mas antes de tudo, o que vem a ser um maracatu nação? O maracatu nação pode ser definido como uma manifestação cultural dotada de elementos diversos. Dispõe de dança, canto, fantasias e estilo musical próprio. Uma melhor definição pode ser tomada pelo aspecto de que a palavra ‘maracatu’ serve tanto para nomear a música feita por esta manifestação, bem como para a dança e o cortejo propriamente dito. Por falar na música, esta é cantada por um homem, denominado genericamente como mestre. Ele é acompanhado dos batuqueiros, que tocam afayas (os tambores), caixas, taróis, mineiros (espécie de ganzá) e gonguês (instrumento de ferro com uma campânula, percutida por um pedaço de madeira). Nos dias atuais há mulheres tocando instrumentos, bem como ocupando o lugar de mestre, algo impensável para o período em que viveu e atuou Zé Gomes. Existem maracatus-nação que possuem fortes ligações com as religiões de terreiro, a exemplo da religião dos orixás (xangô – PE; candomblé – BA; batuque – RS), e até bem pouco tempo houve quem afirmasse serem eles simples extensões carnavalescas destas. No entanto, a relação dos maracatus-nação com o sagrado não se resume aos orixás, pois há grupos em que a jurema e a umbanda também estão presentes (LIMA, 2008)¹.

Os maracatuzeiros e maracatuzeiras na maior parte dos estudos não possuem rostos, cor, gestos, identidades e até mesmo nomes, posto que os grupos sequer aparecem em sua

individualidade, exceto em raros casos (PEIXE, 1955-1980; REAL, 1967-1990). Constituem-se em uma produção cultural legada ao anonimato, resultante do labor das chamadas classes populares. Assim sendo, pode-se afirmar que os maracatus apareceram em diferentes obras de forma anônima, e os seus integrantes passaram ao largo dos textos. Inclusive Dona Santa, a famosa ‘rainha dos maracatus’, sequer mereceu um estudo mais detalhado e pormenorizado sobre suas práticas, estratégias e táticas para o cotidiano (GUILLEN, 2004). Nos dias atuais pouco se avançou neste terreno, mesmo sabendo que as novas orientações teórico-metodológicas nos permitem dirigir outros olhares para homens e mulheres que durante muito tempo ficaram fora da História por se tratarem de pessoas sem “relevância histórica”, ou por terem sido incluídos nas categorias analíticas vinculadas ao modo de produção, a exemplo das classes sociais (REVEL, 1996; LIMA, 2008; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2009).

Os maracatus-nação possuem histórias e diferenças, mas estas só são percebidas se levarmos em conta os seus integrantes e as suas escolhas em meio as estratégias para o cotidiano, bem como as suas redes de sociabilidade e solidariedade (CERTEAU, 1994). Suas estratégias podem ser entendidas em seus modos de cantar as toadas, nas formas de confeccionar os instrumentos e nos sotaques expressos em seus instrumentos musicais. Cada maracatu tem seu jeito, suas escolhas, cores... E foi a partir desta perspectiva que eu procurei evitar reproduzir neste trabalho a ideia de que os maracatus e seus maracatuzeiros são iguais, todos amigos e aliados no cotidiano, como nos faz ver alguns trabalhos (BARBOSA, 2001).

O que permitiu Luiz de França, dentre outros, alcançar significativa notoriedade, contrastando com o anonimato de tantos outros

1 Sobre a jurema, ver: Vandezande (1975), Motta (1997); Brandão e Rios (2001), Salles (2004, 2010) e Assunção (2006).

maracatuzeiros? Seguramente não se deveu tal aspecto ao conhecimento ou domínio de um saber-fazer, já que não explicaria, por exemplo, o quase total anonimato a que foi submetido Natersio, exímio mestre de vários maracatus. Nas memórias de Dona Gersi, Madalena e Neguinho do Caminhão, Natersio foi quem ensinou Luiz de França a arte, o ofício e os segredos do batuque de maracatu (CARVALHO, 2007). Entretanto, Natersio não obteve a notoriedade conseguida por seu 'discípulo', que figurou em diversas matérias de jornal ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990.

Tal notoriedade, conquistada por Luiz de França, não se deveu também a uma grande articulação de relações pessoais com os 'populares'. Zé Gomes (Maracatu Indiano) e Cabeleira (Maracatu Estrela Brilhante) eram dois maracatuzeiros muito bem articulados tanto com o poder público, como com os seus pares. E ambos estavam à frente de maracatus que ganhavam inúmeros campeonatos, diferente, por exemplo, de Luiz de França, líder de um grupo que definhava a olhos vistos ao longo da década de 1970. Caso façamos uma comparação, Zé Gomes e Cabeleira eram muito mais hábeis no trato com as pessoas, segundo as diversas entrevistas que realizei, ao contrário de Luiz de França, homem bastante difícil no que tange as relações pessoais.

A melhor hipótese é levarmos em conta que a notoriedade de Luiz de França, ao longo do período estudado, só foi possível devido às alianças que construiu na sociedade de seu tempo, combinada com as suas performances, fruto de suas estratégias para o quotidiano. Ele também reunia qualidades ímpares que lhe permitia dispor de significativo número de seguidores, mas também dispunha de alianças com intelectuais e jornalistas, a exemplo de Artur

Malheiros e de Moysés Kerstman (ambos trabalhavam em dois grandes periódicos pernambucanos: Diário da Noite e Jornal do Comércio), que empreenderam várias campanhas em prol do Leão Coroado ao longo dos anos 1970. Mana, filha adotiva de Luiz de França e articuladora de um dos maracatus que reivindica ser o continuador do antigo Leão Coroado, conta que este era um mestre em sensibilizar as pessoas da alta sociedade, ao mesmo tempo em que gozava de bom trânsito entre elas:

[...] ele foi uma pessoa muito boa para mim, muito mesmo e ele me queria muito bem; **conheci muita gente boa através dele** [...] Mas ele sabia, era melhor do que uma pessoa que tivesse a leitura todinha do mundo, melhor do que uma pessoa que aprende, mas ele sabia se portar nos cantos, sabia entrar e sair. Ele entrou foi muito no Palácio do Governo para falar com Miguel Arraes e outros. O segurança disse: chegou o mijão, aí ele: anuncie lá que o senhor Luiz de França chegou, o povo já sabia; venha seu Luiz, a gente subia, não tinha mijão certo e era bem atendido, com água de coco, água mineral que tratavam ele muito bem. Conheci muita gente da alta sociedade através dele².

Na atualidade Luiz de França tem a sua memória reivindicada por diversos maracatuzeiros e maracatuzeiras, especialmente por aqueles que se aglutinam em torno de Mana, e Afonso Aguiar, atuais articuladores de dois maracatus com o mesmo nome: Leão Coroado. Luiz de França sabia jogar com as palavras. Sabia bem o valor que certos termos possuíam em uma sociedade marcada pelo conservadorismo, e por certa apologia a uma tradição baseada no ressentimento e numa eterna decadência (FERRO, 2009; ARRAIS, 2006). E era para evitar a decadência e o desaparecimento dos maracatus que se apresentavam Luiz de França e o seu maracatu, o Leão Coroado, ao longo dos

2 Regina Célia da Silva, mais conhecida como Mana, doméstica, nasceu no dia 21/01/1964. Segundo ela mesma, residiu com Luiz de França desde os dois anos de idade, no Córrego do Cotó, localidade da Bomba do Hemetério, zona norte do Recife. A entrevista foi realizada em sua residência, em 14/04/2009.

anos 1960, 1970 e 1980. Ao longo dos anos, enquanto definhava a força do outrora poderoso Maracatu Leão Coroado, Luiz de França tomava carona nos corações e mentes dos que temiam o desaparecimento dos maracatus:

A memória dos maracatus.

Triste constatação: o maracatu pode simplesmente deixar de existir. Mantido por gente do povo, que não recebe qualquer incentivo, **o folgado está ameaçado**. Uma exposição, por sinal pioneira, mostra **a memória do Leão Coroado, o maracatu que vem do tempo da monarquia** (A MEMÓRIA..., 1989, capa, grifos nosso).

[...] Agora ficou mais difícil apagar da memória, o Maracatu Leão Coroado. Segundo o presidente daquele grupo, Luiz de França, **do tempo da monarquia só resta o Leão Coroado e nenhum mais** (MARACATU..., 1989, p. 10, grifos meus).

Ameaçado de desaparecer! Os maracatus, “herança do tempo da monarquia”, segundo a matéria jornalística, são mantidos por pessoas pobres, que não tem incentivo. E Luiz de França reforçava este argumento, afirmando que nenhum outro maracatu “é do tempo da monarquia”. Ora, se o único maracatu que vem do tempo da monarquia é o Leão Coroado, e se os mais antigos não recebem qualquer incentivo, o que as matérias acima indicadas revelam? Suas entrelinhas são claras: “é preciso dar dinheiro ao maracatu mais antigo”. E era preciso diferenciar seu maracatu dos demais. E quais os grupos que estavam no auge ao longo dos anos 1980 e 1990? Dois novatos, ‘sem tradição’: Porto Rico, ‘reativado’ no início dos anos 1980 em uma articulação movida por Armando Arruda, e o Elefante, ‘ressurgido’ em 1985, sob o reinado de Dona Madalena. Para o primeiro, o desprezo de quem não o reconhecia como um maracatu legítimo ou tradicional... Para o segundo, uma simples fala: “Esse maracatu que está aí com o nome de Elefante é outro e não tem nada a ver

com Dona Santa” (UM LEÃO..., 1996, p. 1, grifos meus)³.

Luiz de França sabia do peso que a tradição possuía no Recife de seu tempo. As constantes matérias de jornal afirmando que as tradições estavam morrendo, acabando, ou mesmo sofrendo transformações nos mostram a força que as ideias de uma tradição centrada na continuidade e na imutabilidade possuíam tanto entre os intelectuais, bem como na população em geral. Sabia bem que apresentar-se como o homem detentor do saber-fazer ‘tradicional’ significava ganhar pontos perante aqueles e aquelas que detinham poderes para lhe proporcionar ganhos materiais e visibilidade, além de lhe permitir ter legitimidade em um cenário fortemente marcado pelas disputas por espaços em todos os sentidos possíveis de existir.

Luiz de França apresentava-se como o verdadeiro e único herdeiro de Dona Santa, uma vez que o seu maracatu era o mais antigo depois que o Elefante deixou as ruas do Recife com o falecimento de sua soberana em 1962. Ele pessoalmente afirmava, sobretudo, que possuía com a falecida rainha do Elefante uma boa amizade, a ponto de ela ter lhe batizado. Chamava-a de madrinha com razoável insistência. A sua estratégia em buscar os liames com a mesma, entretanto, extrapolam os limites da sua individualidade, uma vez que, diferente de Madalena, não era apenas Luiz de França o verdadeiro herdeiro de Dona Santa. O Leão Coroado também estava inserido entre os herdeiros, algo que efetivamente o fez ter um maior capital simbólico do que o “recém transformado” Maracatu Indiano, agremiação que Madalena, sua feroz adversária (e ex-esposa) escolhera para tomar parte ainda nos anos 1960 (BORDIEU, 1989; LIMA, 2012).

3 Afirmação de mesmo teor pode ser encontrada na Entrevista de Luiz de França, depositada na Casa do Carnaval da Prefeitura da Cidade do Recife, feita em 1995 por técnicos do referido órgão.

Efetivamente, as memórias sobre Luiz de França, anteriores ao período da morte de Dona Santa, são bastante obscuras. Há os que afirmam ter sido ele um grande amigo de Dona Santa, a ponto de ter sido batizado por ela na religião dos orixás e na igreja católica. Essa seria a principal razão para que ele a chamasse insistentemente de ‘minha madrinha’, afirmam os defensores desta vinculação entre Dona Santa e Luiz de França. Mas, em que perspectiva religiosa Luiz de França estava se referindo? Teria ele sido batizado na igreja católica? Ou na religião dos orixás? Ainda há a possibilidade de ter Luiz de França sido batizado por Dona Santa na jurema sagrada, a religião dos mestres e mestras (PINTO, 1995, p. 11-12, 15-22). É corrente entre os juremeiros chamar por padrinho e madrinha aquele e aquela que o batizou nesta religião. Há, no entanto, outras questões sobre este aspecto que devem ser elencadas. O próprio Luiz de França, segundo Roberto Benjamim, não admitia ter vínculos com a jurema, apesar de em alguns momentos ter afirmado que fez parte da mesma no passado, quando vivia com uma mulher que praticava esta religião:

[...] Quase sempre negava ser juremeiro. Todavia, admitiu um dia que cultuava os senhores-mestres e havia adquirido uma taça de cristal para o culto do seu guia (o mestre Cangaruçu). Dias depois, voltava a negar essa condição e dizia que conhecera o culto dos senhores-mestres quando viveu na companhia de uma famosa juremeira, da qual se afastara depois de vê-la fazer uma sessão de cura em que sugou a ferida da **bicheira** de um dos seus afilhados (BENJAMIN, 2004, p. 70, grifo do autor).

Este é o maior indício de que uma melhor compreensão da vida, bem como das estratégias e do cotidiano de Luiz de França não poderá ser feito sem que se busque compreender os profundos vínculos existentes

entre a memória dos negros e negras recifenses com o mito e a História (SAHLINS, 1990). No que tange a sua forma de se referir a Dona Santa, há que se perceber que existem elementos diversos, dos quais a História apenas não dará conta. Caso tenhamos, prezado leitor, que levar em consideração parte significativa das informações existentes a respeito da relação entre a rainha do Maracatu Elefante e Luiz de França, iremos constatar que havia entre ambos uma feroz disputa, algo comum em se tratando de seres humanos com interesses diferentes ocupando espaços em uma mesma cidade.

Ambos desejavam o maior número de apresentações possíveis (contratos remunerados) para os seus maracatus, ao mesmo tempo em que aspiravam aos sonhos de terem para os seus grupos a maior parte das atenções da sociedade em geral. Esta estratégia em ter o Leão Coroado e a si próprio como os únicos herdeiros do capital simbólico do antigo Maracatu Elefante, bem como de Dona Santa são quase sempre confirmados nas entrevistas que Luiz de França concedeu aos jornais e nos diversos depoimentos que prestou ao longo de sua vida. Em seu depoimento, depositado no Museu da Imagem e do Som de Pernambuco, refere-se ao Indiano como um falso maracatu, e esta afirmativa é repetida também no pequeno documentário dirigido por Raul Lody (1987), intitulado *Maracatu Leão Coroado*⁴. Sua recusa em aceitar a divisão desta ‘herança’ apoiava-se, sobremaneira, no fato de ser o Leão Coroado, segundo Luiz de França, o mais antigo maracatu existente no Recife. E para que esta estratégia fosse perfeita, era preciso também afirmar que não existiam grandes diferenças entre ele, Luiz de França, e Dona Santa.

Estas afirmações do antigo articulador do Maracatu Leão Coroado não se confirmam, porém, com o que escreveu Katarina Real em

4 Depoimento Luiz de França, Museu da Imagem e do Som do Estado de Pernambuco.

seu livro *Eudes, o rei do maracatu* (REAL, 2001). Aliás, como já afirmei anteriormente, muitas informações entre o que escreveram alguns estudiosos e o que foi dito por Luiz de França não coincidem com o que encontrei nos jornais, ou com o que ouvi em entrevistas feitas recentemente com algumas pessoas envolvidas diretamente com maracatus. Em geral, nas memórias de Armando Arruda (maracatuzeiro, recentemente falecido, articulador do Leão de Judá e antigo integrante de vários outros grupos), Xoxo (maracatuzeiro, babalorixá, juremeiro, atual articulador do Gato Preto e antigo integrante de vários grupos) e Ana Márcia (filha do mestre Natersio, antiga integrante de vários grupos e atualmente yalorixá), Luiz de França surge desprovido da aura mítica que lhe foi atribuída por alguns intelectuais pernambucanos, ou simplesmente, como um homem permeado de defeitos e acertos. Os trechos das entrevistas são longos, mas vale à pena conferir estas memórias:

[...] e o maracatuzeiro que eu sempre respeitei, que eu mais respeitei na vida chama-se senhor Luiz de França. Ele saía do Córrego do Cotó aqui para o Pina. Se ofendia se a gente quisesse dar algum dinheiro a ele. Agora a gente tinha que fazer aquela peixada para ele, aquele pirão de peixe. Tinha que ser o melhorzinho e o melhor charuto para ele, senhor Luiz de França. Ele vinha ensinar os primeiros batuqueiros da gente: Peixe Frito, Toninho, Mãozinha, muitos deles foi feito por senhor Luiz de França. Depois ele teve uma dificuldade, **os batuqueiros fizeram uma greve lá contra ele.** Eu levei trinta batuqueiros daqui do Pina para ele, mas ele não sabia. A idade dele... Não sei se você conviveu com ele. A idade dele, coitado, dava muito nervoso nele. Ele vendo os outros juntos, ele vendo Cabeleira passar na frente dele. Senhor Luiz muito nervoso era muito maltratado lá na prefeitura. Muitas vezes eu arenguei com aquele povo da Fundação de Cultura por causa de senhor Luiz. Chegava lá, ele entrava, botava uma cadeira daquela para ele. O cidadão já de idade. Agora a pasta, a

documentação do maracatu, um mofo de dinheiro dentro da pasta e um revólver trinta e oito [...] Senhor Luiz andava armado sim. Senhor Luiz era valente, não era brabo... Era valente! Era valente! [...] era ranzinza pela velhice, pela doença⁵.

Luiz de França, nas memórias de Armando Arruda, é apresentado como um homem com problemas de liderança frente aos seus batuqueiros, o que se confirma na 'greve' feita contra o mesmo, e de certa forma, incapaz de fazer frente aos avanços dos outros grupos, como o articulado por Cabeleira, do Estrela Brilhante. Nas memórias de Armando Arruda, Luiz de França emerge não como um herói, mas como um homem com sérios problemas, mas nem por isso desprovido de virtudes. Ou de outros defeitos, como podemos conferir no depoimento de Ana Márcia, filha de Natersio, ex-mestre do Leão Coroado e de outros maracatus:

[...] [Natersio] Entrou dentro do Leão Coroado, aonde teve a briga com Luiz de França. Por causa de dinheiro que meu pai queria... Zé Gomes queria... Luiz de França queria só nos bolsos dele e não queria acertar com os batuqueiros. E ele como diretor trabalhava, fazia bombo. Luiz queria dar o valor a ele que dava para um batuqueiro. E meu pai saiu do Leão Coroado e todos os batuqueiros do Leão Coroado, a maioria meu pai arrastou para dentro do Indiano. Nêgo Bó, Zé de Tânia... Capilé velho, não é esse Capilé novo. Capilé, Quinino, Neguinho do Caminhão, Nido do Picolé, Zezinho de Babá. Todos esses vieram com pai, do Leão Coroado para o Indiano [...] Pai se chocou logo com Luiz de França. Meu pai morreu inimigo de Luiz de França. Era o único inimigo que meu pai tinha, era Luiz de França, por causa do maracatu. Porque meu pai deixou ele, e ele, no outro carnaval, ele viu meu pai dentro do Indiano. Ele dizia que pai tinha roubado os batuqueiro dele. [...] Luiz era muito ranzinza. Muito pouco mesmo a gente via... Eu mesmo via Senhor Luiz sorrir muito pouco. No tempo que meu marido vivia bem, ele ainda

5 Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife (grifos nosso).

ficou [no Leão Coroado]. Eu fui quem tirou o meu marido do Leão Coroado. Eu tirei. Não, pra maracatu meu marido não foi para nenhum não. Nenhum. Ele dizia: “tu não gosta de maracatu? Vamos fazer um maracatu?”. Eu disse: “eu não, dor de cabeça. Quero nada.” Não tem nada disso não. “Se tu só gosta do Leão, não quero por dentro do Leão Coroado porque não quero passar... eu não quero ver tu passar o que meu pai passou”. Ele não considera ninguém. Eu não sei como é que Senhor Luiz gostava de mim. Eu disse a ele porque ele só pensava nele. Se é um maracatu, porque só pensar em dinheiro?⁶

Ana Márcia, filha de um dos muitos desafetos de Luiz de França, conviveu com ele por muitos anos. Sua mãe, Gersi, viveu maritalmente com ele, depois da morte de Natersio, ocorrida em 1978. Aliás, esta união facilitou a aproximação de Ana Márcia com Luiz França, a quem considerava ranzinza, de poucos sorrisos e muito chato. Outro defeito de Luiz de França, apontado por esta depoente, era a de que ele não possuía “boa relação com dinheiro”, sendo por muitas vezes considerado sovina, e talvez isto tenha sido uma das muitas razões para a ‘greve’ dos batuqueiros apontada por Armando Arruda.

Luiz de França era, nas memórias de Ana Márcia, ranzinza e bastante sovina. Em outras palavras, Luiz de França era um homem como outro qualquer, diferente da forma higienizada em que é apresentado em alguns trabalhos e discursos de setores da intelectualidade pernambucana. A que se prestam estas incongruências nas informações? Ora, prezado leitor e estimada leitora, estamos discutindo questões sobre um homem de carne e osso, repleto de angústias, certezas e medos diversos. Antes de tudo, devo mais uma vez afirmar que as relações entre Luiz de França e Dona Santa não eram das melhores, e para ilustrar um pouco estas diferenças existente entre ambos, nada

melhor do que citar um trecho do livro de Katarina Real, *Eudes, o rei do maracatu*. A citação também é longa, mas creio que valerá a pena, como forma de ilustrar o que afirmo:

[...] **A minha amizade com Luiz de França teve um começo um tanto precário, pois minha fascinação por tudo ligado às atividades do Elefante impedia uma aproximação com o Leão Coroado durante os primeiros anos da minha pesquisa. Existia uma rivalidade feroz entre as duas agremiações até a morte de Dona Santa quando extinguiu-se a sua “nação”.** Numa visita à sede do Elefante, pouco antes do carnaval de 62, fiquei admirada ao encontrar a grande rainha num estado de raiva violenta. Ela me contou que, durante a noite, alguém tinha furado todos os bombos do maracatu e que seria uma luta danada consertá-los para ficarem prontos antes dos desfiles carnavalescos. Ela e outros do grupo suspeitavam que tivesse sido um ato de vingança de alguns elementos do Leão Coroado. Nunca consegui saber a verdade sobre o assunto, mas não há dúvida de que aquele infortúnio não ajudou em nada a estreitar os laços de amizade entre os dois maracatus. **Foi interessante para mim observar que, depois da morte de Dona Santa, “Seu Luiz” sempre fazia questão de elogiar-la com muito carinho, chamando-a “minha querida madrinha” e, de quando em vez, dedicando uma toada tradicional do maracatu em sua homenagem.** Havia outros motivos para a falta de afeto entre Luiz de França e Dona Santa enquanto ela vivia. Ela, ainda jovem, foi coroada rainha **do Leão Coroado, o maracatu fundado pelo pai de “Seu Luiz” em 1863.** Pouco depois, ela se casou com um membro do grupo chamado João Vitorino. Quando seu marido foi escolhido como rei do Elefante, Dona Santa deixou o Leão Coroado, abdicando a sua coroa, e se transferiu para o Elefante, sendo mais tarde escolhida a rainha do grupo. Acho que aquela transferência deve ter provocado bastante ressentimento entre as duas agremiações, especialmente da parte de “Seu Luiz” (REAL, 2001, p. 58-59, grifos nosso).

Outro forte motivo que levaria Luiz de França a ter severas diferenças com Dona Santa

6 Entrevista com Ana Márcia, realizada em 24/04/2009, na sua residência, Arruda, zona norte do Recife.

diz respeito à participação de ambos na disputa pelos concursos carnavalescos organizados pela Prefeitura do Recife. O Maracatu Elefante conquistou os campeonatos em sua categoria nos anos de 1960, 1961 e 1962 (LAVADEIRAS..., 1960; VASSOURINHAS..., 1961; CLUBES..., 1962). Esta busca pela legitimidade, visibilidade e espaços em uma mesma cidade empurraram Dona Santa e Luiz de França para lados opostos, uma vez que ambos aspiravam ao sucesso e a liderança entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras.

Esta perspectiva de que os maracatuzeiros possuem diferenças entre si, é quase sempre ocultada nos diversos trabalhos, artigos, textos e livros que foram escritos sobre os maracatus-nação de modo geral (LARA, 2004; BARBOSA, 2005; PESSOA, 2006; SANTANA, 2006; KUBRUSLY, 2007; ESTEVES, 2008). Salvo raras exceções, aparecem como irmãos, amigos e aliados, como se entre estes não existissem disputas e diferenças. Há nestes textos uma relação implícita à ideia de que os maracatuzeiros são parte de uma grande tradição mantida a custo da repetição. E nada mais coerente com esta forma de pensamento do que imputar aos maracatuzeiros uma condição de amigos e irmãos, posto que se não pensam e não criam, estão apenas ‘mantendo uma tradição repassada de pai para filho’.

No trecho da obra de Katarina Real (2001), há uma afirmação bastante ilustrativa do que estamos tentando compreender já há algumas páginas: Luiz de França torna-se ‘amigo’ ou ‘afilhado’ de Dona Santa após sua morte, conforme descreve a autora em questão. E agindo dessa forma, estaria Luiz de França tomando para si um privilegiado lugar na perspectiva da ‘tradição’ dos maracatus: o mais antigo maracatuzeiro, contemporâneo de Dona Santa, com quem teve amizade e de quem era afilhado (LIMA, 2012). Mas, esta análise não pode, sob nenhuma hipótese, estar presa aos jogos da verdade ou da mentira. Ainda que estejamos diante de ‘inverdades’, deve-se pensar sobre estas como parte dos jogos de identidade e performance a que os indivíduos estão imersos.

Luiz de França era um homem ‘negro’, pobre e que morava em uma região repleta de favelas. Sua última residência em vida, por sinal, ainda existe. É habitada pela sua filha adotiva, Maria Regina Célia⁷. Quais as possibilidades existentes para um homem destes, praticante da religião dos orixás e maracatuzeiro ser ouvido e levado em conta pela sociedade em que vivia, além de poder ser inserido na mesma? O uso do recurso de ‘herdeiro da tradição’ e do espólio de Dona Santa, nessa perspectiva, ganha um sentido de estratégia. Outro aspecto de sua vida, bastante emblemática para o entendimento de seus discursos e performance, diz respeito ao

7 Maria Regina Célia também foi entrevistada pelos pesquisadores da Casa do Carnaval em 25/01/1995. Esteve ao lado de seu pai adotivo desde os dois anos de idade. No processo de sucessão do Leão Coroado foi preterida em favor de Afonso, atual dirigente de um dos grupos que disputa o legado do antigo Leão Coroado, e que contou com o apoio efetivo de Manoel Papai, autoridade sacerdotal de um dos terreiros mais antigos do Recife, e Roberto Benjamin, renomado folclorista e intelectual recifense. Mana, como é mais conhecida entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras, alega, no entanto, que era a preferida de Luiz de França para dar continuidade ao Leão Coroado. Essa declaração de que Luiz de França desejava vê-la a frente do maracatu encontra-se em sua entrevista concedida aos pesquisadores da Casa do Carnaval. Textualmente, a declaração de Luiz de França, que intervêm corroborando de que o Leão Coroado ficaria com ela, afirma, quando perguntado pelo entrevistador sobre o que vai acontecer ao maracatu após sua morte, diz: “ela (Mana) fica, eu vou fazer isso, assim que eu fizer a sede eu vou fazer isso, vou pro cartório passar um documento por morte minha ela terá o direito de ficar com esse maracatu, pronto!” Desde agosto de 2011 que os filhos de Mana, juntamente com alguns vizinhos, celebraram o retorno do Leão Coroado para a comunidade do Córrego do Cotó, na Bomba do Hemetério. O grupo reivindicou o nome do antigo maracatu, e passou a se denominar Centro Grande Leão Coroado. O referido maracatu desfilou na Noite dos Tambores Silenciosos de 2012, e tem reivindicado ser o verdadeiro continuador do antigo Leão Coroado.

momento de ingresso no Maracatu Leão Coroado. Algumas notícias de jornal nos informam que ele herdou o grupo de seu avô, outras nos dão conta de ter sido seu pai o responsável por sua iniciação no maracatu. No que tange a ideia de ter sido o avô de Luiz de França o fundador do Leão Coroado, as duas notícias abaixo nos dão um melhor panorama desta transmissão ‘de geração a geração’:

[...] Manuel dos Santos passou o cetro para José Luis da Costa, que, por sua vez, o entregou para França. Nascido na Rua da Guia, Luiz de França, por esta época, trabalhava de bico (HORA..., 1995, p. 1).

[...] Diário de Pernambuco – como foi que o senhor entrou para o maracatu de seu avô? França – desde menino. O maracatu está no meu sangue desde cedo. Eu nasci na Rua da Guia, dia 1º agosto, filho de uma rapariga de quem me orgulho muito, e ainda pequenininho comecei a ouvir as batidas do maracatu (UM LEÃO..., 1996, p. 1).

Trata-se de uma sucessão que tem como parâmetros a transmissão de pai para filho no comando do grupo. E nessa perspectiva temos um Luiz de França autenticamente legitimado pelo que há de mais ‘puro’ e ‘tradicional’ em uma prática feita por homens e mulheres ‘do povo’. Algo que muito agradava aos ouvidos de estudiosos do folclore em nosso país, a exemplo de Cascudo (2000), grande defensor da tese do conceito de manutenção da tradição baseada na repetição. É nesta transição que ocorrem as ‘sobrevivências africanas’ tão perseguidas por estudiosos como Ramos (1935, 1979) e Bastide (1945, 1959, 1973, 2001), dentre outros. Em matéria publicada no *Diário de Pernambuco*, Luiz de França é apresentado como neto do fundador do grupo, Manuel Beçola, tendo, porém, ocupado o posto de presidente do maracatu desde 1920 (MESTRE..., 1995). Assim, temos um Luiz de França já há muitos anos à frente do grupo, ocupando a presidência com apenas vinte anos de idade. Estas versões, contudo, são postas de lado por Roberto Benjamin, que ao narrar sobre o momento em que Luiz de França entra no maracatu diz:

Luiz de França tornou-se membro do Maracatu Leão Coroado quando a sede da agremiação estava localizada no bairro da Boa Vista, em uma rua que veio a tomar o nome da agremiação. Ele contava que havia recebido a direção do maracatu do seu padrinho, José Luiz, que era também dirigente da Irmandade do Rosário dos Pretos do Bairro de Santo Antônio (BENJAMIN, 2004, p. 70).

Teria Luiz de França ingressado no grupo há muitos anos, a ponto do mesmo ter a legitimidade suficiente para afirmar que recebeu seja de seu pai ou de seu avô o comando do grupo? E se foi criado no Leão Coroado, teria então Luiz de França grande domínio dos conhecimentos existentes em um maracatu do tipo nação? Sabia cantar toadas, confeccionar instrumentos, conduzir o batuque e lidar com tudo o que diz respeito a um maracatu-nação? Seriam estes os principais motivos para que sua memória tenha ainda tanta força entre os maracatuzeiros? Não estava fácil disputar a ‘hegemonia maracatuzeira’ com Zé Gomes, habilidoso estrategista, comerciante de estivas, frutas e verduras em Água Fria, bem como com Maria Madalena, uma exímia e carismática mãe de santo, profundamente articulada com iminentes pais e mães de terreiros recifenses e uma significativa plêiade de colaboradores das classes mais abastadas. Luiz de França, porém, não era um maracatuzeiro qualquer. Como observamos acima, ele sabia jogar com as possibilidades que estavam ao seu alcance. Afirmar que o Indiano não era um ‘maracatu puro’, e ao mesmo tempo apresentar-se como o verdadeiro herdeiro de Dona Santa, além de mostrar-se como dirigente de um maracatu com mais de cem anos significavam muito para aquela época (DOUGLAS, 1976). E ele próprio não era um mestre qualquer, uma vez que se apresentava como o ‘autêntico guardião da tradição’, ‘filho de africanos’, ‘maracatuzeiro desde criança’ e etc.

Exímio estrategista, Luiz de França sabia quais armas usar em um contexto que começava a ficar desfavorável para o seu maracatu. Na medida em que seus recursos materiais

escasseavam e os adversários cresciam, Luiz de França utilizava-se das ideias reinantes em sua época, de que os maracatus estavam se extinguindo, que o Leão Coroado não iria desfilar e que a tradição estava sendo desrespeitada. As páginas dos jornais estampavam as manchetes anunciando que o Leão Coroado não iria mais desfilar. Tratava-se do fim do “[...] último maracatu herdeiro da tradição de Dona Santa” (MARACATU..., 1973, p. 4; MUSEU..., 1978, p. 4). E para evitar que isto acontecesse, intelectuais e jornalistas como Moysés Kerstman e Artur Malheiros se mobilizaram e empreenderam campanhas de arrecadação de recursos para impedir o fim do ‘mais autêntico’ e ‘tradicional’ maracatu (MÁSCARAS..., 1973; SOLUÇÃO..., 1973). O Leão Coroado se sagrou campeão no ano de 1973 após Luiz de França fazer grande alarido em torno da ameaça de que não iria desfilar e que estava fechando as portas do seu maracatu (BATUTAS..., 1973). Em razão dessas ‘ameaças’, um dos integrantes da Comissão Promotora do Carnaval, Artur Malheiros, afirmou em sua coluna, Território Livre, que as verbas para o carnaval não poderiam ser distribuídas igualmente entre os maracatus. Existiam aqueles que mereceriam maior atenção por parte dos órgãos públicos, por serem centenários e dotados de maior legitimidade e tradição. Tudo o que Luiz de França queria ouvir!

O Maracatu Leão Coroado, o primeiro que surgiu no país, fundado pelo africano conhecido apenas por Manoel Beizola, pode não sair este ano. A subvenção de Cr\$ 1000,00 não saiu até agora e a fantasia dos seus 70 figurantes está parada. O presidente da entidade, o estivador aposentado Luis de França dos Santos (72 anos), já recorreu a todos os setores oficiais, tendo recebido a resposta de que esqueceram de **colocar o mais antigo e tradicional maracatu do país**, na relação para receber a ajuda. **Paralelamente, maracatus menos importantes do ponto de vista histórico e folclórico, como Estrela Brilhante, Cambinda Estrela, Leão da Aldeia, Indiano e outros receberam dotações, alguns deles bem altas,**

relativamente ao valor do que normalmente é destinado a eles. Por exemplo, cita o snr Luis de França, o Maracatu Estrela Brilhante recebeu Cr\$ 7 mil e o Cambinda Estrela Cr\$ 5 mil. [...] Eu nasci neste maracatu neste maracatu vendo meu pai – Lorianio Manoel dos Santos – ensaiar as donzelas que tinham permissão para acompanhar o cortejo. De lá para cá o Leão Coroado só deixou de sair uma vez, em 1954, por causa da morte misteriosa da rainha dona Martinha, ainda muito moça. Foi uma homenagem. **Com certo orgulho, Luis de França faz questão de frisar que seu maracatu foi o primeiro divertimento público dos escravos, fundado por africanos cantando em nagô, como ainda hoje faz (língua da tribo prisioneira) (LEÃO COROADO..., 1973, p. 3, grifos nosso).**

Nas memórias de Dona Gersi, entrevistada por Ernesto Carvalho, Luiz de França estava chegando ao maracatu, na época em que era chefiado pela rainha Martinha:

[...] [Ernesto] E seu Luiz já era o presidente? Já era o dono? [Gersi] Era. Ele... Essa Martinha conhecia ele de muitos anos, conhecia os pais dele, sabe? [...] conhecia o pai dele, conhecia a família dele. Ai foi o tempo que ela falou com ele, pra ele ficar com o maracatu, ai trouxe de lá, do núcleo de Clóvis Correia, da Vila São Miguel, pra aqui pro córrego, pra onde ele morava, pra Deodato. Pronto, ai fiquemos, tudo saindo no maracatu. [Ernesto] Mas a senhora chegou a brincar lá em Afogados? [Gersi] cheguei. [Ernesto] com essa Martinha? [Gersi] Não, mas conhecia ela. [Ernesto] Com quem? [Gersi] Brinquei com Seu Luiz, a gente trouxemos ele de lá para cá. E de lá eu fiquei brincando [...] Lá era uma coisa de vereador né? Um núcleo, um núcleo, não sei chamar. Então o maracatu vivia lá. E essa Martinha tomava conta, depois ela se aborreceu do maracatu [...] eu não sei, falou com Seu Luiz. Que Seu Luiz conhecia os pais dela, o pessoal dele, antigo, ai Seu Luiz ficou com o maracatu. Ela jogou pra Seu Luiz o maracatu. Passou pras costas de Seu Luiz. Seu Luiz trouxe de lá pra cá o maracatu, e nós viemos sair (CARVALHO, 2007, p. 67).

Antônio Roberto, dirigente e mestre do batuque do Maracatu Elefante ‘ressurgido’ nos anos 1980, atual mestre e articulador do Maracatu Nação de Luanda, em entrevista concedida no mês de dezembro de 2008,

afirmou que ouvira de Madalena a informação de ter Luiz de França comprado o Leão Coroado de Marta Gorda. Pessoalmente, em uma das minhas muitas idas ao terreiro de Madalena, lembro-me de uma polêmica estabelecida com alguém que visitava seu centro. Ela afirmava em boa voz que Luiz de França escondia muito do seu passado. Com os devidos descontos a serem dados pelo rancor que Madalena guardava de Luiz de França (não nos esqueçamos de que eles viveram juntos por muitos anos), não podemos olvidar que Madalena fora rainha do Leão Coroado antes de ingressar no Maracatu Indiano. Ela viveu o processo de transição do Leão Coroado de Afogados para o Córrego do Cotó.

Mesmo que o Leão Coroado estivesse sob a guarda dos familiares de Luiz de França no passado, o fato é que este tomou, seja por presente, convite ou compra o maracatu da Rainha Marta. Tal prática, de se comprar uma agremiação, não é de toda estranha entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras. O Maracatu Indiano, por exemplo, foi vendido pela viúva de Zé Gomes, a Senhora Carmelita, para Conterrâneo, maracatuzeiro que integrou outros maracatus, a exemplo do Elefante “ressurgido” nos anos 1980. Um maracatu pode sim ser comprado. Por mais que isso não seja objeto de artigos, livros ou entrevistas em jornais. O Estrela Brilhante do Recife foi comprado por José Martins (Cabeleira), que vendeu para Mola, que repassou para Marivalda⁸. Vários caboclinhos, ursos, troças, bois e outras agremiações são postas a venda todos os anos, principalmente quando ‘as dificuldades apertam’. Mas a venda de agremiações

carnavalescas não corrobora com a ideia de tradição idealizada e repassada de pai para filho. **Então, é bom ocultar este traço feio dos ‘populares!’** (LIMA, 2012). Infelizmente alguns intelectuais desejam transformar os maracatuzeiros e maracatuzeiras em pessoas ingênuas, sem maldade ou interesses malévolos.

Contudo, os maracatuzeiros são pessoas de carne e osso. Desejam, sonham, ambicionam e também vendem maracatus. Porém, não apenas estas agremiações. Lembro também de vários terreiros que foram objeto de venda, assim como agremiações carnavalescas diversas. Não seria absurdo, portanto, que Luiz de França tivesse comprado o Leão Coroado de Marta. Os trechos abaixo, das entrevistas que fiz, mostram parte da naturalidade com que os maracatuzeiros e maracatuzeiras lidam com a ideia da compra e venda de um maracatu:

[...] ARMANDO: Dona Carmelita, com o falecimento dele [Zé Gomes], ela ficou sem saber o que fazer com o maracatu. Vendeu o maracatu, vendeu o acervo do maracatu para um cidadão chamado Conterrâneo, que morava ali pelo lado de Água Fria. Ele comprou uns bombos, comprou umas coisas. Ele tem muita coisa organizada, mas não. Disse que quer botar na rua sem depender de prefeitura. Mas, ao que parece, era uma pessoa séria. Mas eu gostava muito do Indiano. Eu queria muito bem o Indiano, eu queria bem de graça. [...] E eu comprei o maracatu Dois de Ouro, que eu estou com esse débito em Olinda. Já estou com a diretoria para ele, o Dois de Ouro. Nação do maracatu Dois de Ouro. Eu comprei o acervo do Dois de Ouro só por causa do bombo. Que não tinha quem fizesse. Pouco a gente podia fazer e não dava tempo. Veio seis bombos mais seis que eu já tinha ganho. Aí ficou um batuque respeitável. [...] Eu comprei o acervo, porque eu não tinha nenhum amor pelo Dois de Ouro.

8 José Martins, mais conhecido como Cabeleira, foi o articulador do Maracatu Estrela Brilhante entre o final dos anos 1960 até meados da década de 1990, quando repassou o espólio do grupo para Mola. José Martins comprou o Estrela Brilhante da viúva de Cosme Damião, Assunção, que manteve o maracatu até 1966. Lourenço Mola era artista plástico, organizador de eventos ligados ao carnaval recifense. No início dos anos 1990 envolveu-se em uma contenda com Luiz de França, o que lhe fez retirar-se do Leão Coroado. Ao comprar o Estrela Brilhante de Cabeleira, Mola reuniu em torno de si seus colaboradores que lhe acompanhavam desde suas andanças na Escola Gigantes do Samba. Marivalda, atual rainha e articuladora do grupo, recebeu o Estrela Brilhante das suas mãos após seu desencanto com os maracatus de modo geral. Mola e Cabeleira já são falecidos.

Eu queria o Leão de Judá. Esse Dois de Ouro é um maracatu antigo de Olinda, ainda da década de quarenta. Mas foi morrendo os cabeças e terminou a mulher vendendo⁹.

[...] XOXO: Não, eu penso tudo que é de bom. Realmente tem muito axé. Inclusive, uma pessoa, um dono de nação (não sei se você estava nesse dia na reunião, ali na Boa Vista... chegou até atrasado)... Antes disso eu estava conversando com essa pessoa e disse: “olhe, você não quer comprar meu maracatu não?”. Ele disse: “Deus me livre”. “Oxe, por quê?”. “Deus me livre”. Aí eu disse: “por que Deus me livre?”. Ele disse: “e eu sou louco. Eu vou bolir com um negócio para me prejudicar?”. Eu disse: “por quê?”. “Olhe, seu maracatu não é igual ao meu, nem é igual ao Porto Rico”. “Por quê? Não é tudo maracatu?”. “Não, seu maracatu tem um “porém” com ele. Todo mundo não pode pôr a mão em cima dele porque pode se prejudicar. Esse maracatu só fica na sua mão. No dia que aquele lhe chamar, quem for tomar conta desse maracatu vai atrás de você”¹⁰.

[...] MÁRCIA: Meu irmão foi junto comigo, eu morando já aqui, depois de viúva, na Rua Elza... E ele disse: “Márcia, vamos botar o Indiano?” **Procurei madrinha, perguntei se ela me vendia. Ele disse: “eu lhe vendo, mas você assume o débito da prefeitura, da Federação. Porque eu quero... Eu só vendo por três mil”. Eu disse: “eu não quero”.**

IVALDO: Três mil!

MÁRCIA: **Maracatu vale isso? Maracatu não tem nada. Só têm uns bombo velho aí. Vamos fazer um negócio, a senhora me dá o Indiano, eu boto ele para frente e depois eu pago a senhora. Ela disse: “não”. A gente soube que ela tinha vendido, passado o maracatu por uma geladeira, não sei o quê, um freezer para enterrâneo**¹¹.

[...] ROBERTO: Cabeleira comprou o Estrela Brilhante por trinta “conto”.

IVALDO: A quem?

ROBERTO: A uma mulher lá em Campo Grande. Porque o maracatu Estrela Brilhante de

Recife era do finado Cocó, Seu Cosmo, que era um babalorixá que tinha na Rua do Rio, na antiga Rua do Rio em Campo Grande.

ROBERTO: Ele disse “Olha, você fica aí. Põe trezentos mil réis aí e fica.” Ele não podia mais, né? Ficar com o maracatu e o maracatu... Mola “Não, vou lhe dar trezentos reais e vou ficar com o maracatu”¹².

Como é possível perceber, estimado leitor e paciente leitora, vender ou comprar um maracatu não é algo de outro mundo. Eis por que eu não vejo problemas no fato de especular ter Luiz de França comprado o Leão Coroado e construído em torno de si a performance de guardião da tradição do maracatu. Outras memórias vieram à tona em entrevistas com antigos maracatuzeiros que viveram a transição entre Marta e Luiz de França. Nido do Caminhão, um velho batuqueiro de maracatu com 67 anos de idade, e que reside atualmente na Avenida Chagas Ferreira, em Linha do Tiro, tem boas lembranças desses anos longínquos, e afirma com convicção que Luiz de França não era ‘mestre de apito’ e sequer sabia tocar os instrumentos. Ernesto Carvalho, entrevistando este mesmo maracatuzeiro, obteve as informações de que o Leão Coroado tinha o seu batuque conduzido por um senhor de nome Luiz do Boi. Este depoimento aponta para a desconstrução de um mito chamado Luiz de França, o mestre e “guardião” da tradição do maracatu:

[...] O batuqueiro Nido **do Caminhão**, que aos 65 anos é o batuqueiro mais velho ainda na ativa num maracatu, fez parte do baque do Leão Coroado nessa época. Conta que o diretor de apito era um senhor conhecido como **Luiz do Boi**, participante de um bumba-meu-boi. Luiz de França, segundo ele, não tinha qualquer conhecimento da parte musical do maracatu. Não cantava, não apitava, e não sabia tocar

9 Entrevistas com Armando Arruda, realizadas em sua residência, em 30/04/2009 e 08/05/2009.

10 Entrevista com Amaro da Silva Vila Nova, conhecido como Xoxo, realizada em sua residência, em 09.04.2009.

11 Entrevista com Ana Márcia dos Santos, realizada em sua residência, em 24/04/2009.

12 Entrevista com Antônio Roberto, realizada em sua residência, em 30/05/2009.

bombo. Afirmar isso hoje em dia poderá ser uma afronta ao mito criado em torno de Luiz de França, que é considerado por muitos – sem falta de motivo – um dos personagens mais importantes na história dos maracatus-nação. Mas é o confronto dessa visão entronizada, feita linear, com nuances das histórias mais complexas, mais conturbadas, que quero ressaltar. Indagado acerca de como Luiz do Boi teria aprendido a tocar maracatu, Nido conta que se tratava de um homem **instruído**. Depois de Luiz do Boi, o diretor de apito (o mestre, o responsável pelo baque) foi Natérsio Carneiro dos Santos. Esse Natérsio, outro personagem importantíssimo na história recente do baque virado, porém francamente esquecido pela **história oficial do maracatu**, era o esposo de Dona Gersi, que viveu a passagem do Leão Coroado de Afogados para a Zona Norte. De acordo com Nido, Luiz de França aprendeu boa parte do que ele sabia de baque virado a partir desse homem, e ao que tudo indica, foi a capacidade de administração e liderança de Seu Luiz somado ao conhecimento musical e dos instrumentos (inclusive de sua manutenção física, no que diz respeito a colocar os couros nos tambores, afiná-los corretamente etc.) de Natérsio que possibilitaram que o Leão Coroado tenha se tornado o que se tornou nas décadas seguintes (CARVALHO, 2007, p. 71, grifos nosso).

O leitor deve estar se perguntando a respeito dessa tremenda confusão, e ao mesmo tempo afirmando não ser nenhum problema que Luiz de França tenha realmente aprendido o que sabia, ou ao menos parte do que conhecia com Natérsio e Luiz do Boi. Aliás, todos nós somos fruto de um aprendizado, e mesmo os doutos da academia algum dia foram aprendizes. Ninguém nasce sabendo. Contudo, para que a estratégia de Luiz de França fosse imbatível, ou ao menos próxima disso, ocultar o momento de seu aprendizado era fundamental, ainda mais quando Natérsio, um de seus mestres, estava à frente do grande rival do Leão Coroado, o Maracatu Indiano. Marta Gorda, rainha do Leão Coroado quando este se encontrava em Afogados, é descrita como a pessoa que

repassou o maracatu para Luiz de França. As memórias de Antônio Roberto deixam entrever parte desta questão:

[...] IVALDO: Mas retomando um pouco sobre os antigos, o que Madalena falava quando viveu com Seu Luíz, quando Seu Luíz pegou o Leão Coroado? Como é que o Leão Coroado saiu de Afogados, da Vila São Miguel e foi para o local onde está até hoje? E também, como é que Seu Luíz começou a fazer maracatu?

ROBERTO: Segundo que Seu Luíz falou para mim, Seu Luíz tocava tarol no maracatu Elefante. Seu Luíz foi batuqueiro de Dona Santa. Aí, brigou com Dona Santa, se juntou com Marta, chamava Marta Gorda, que ela comia uma feijoada inteira sozinha. Ela é de Afogados. Estava na mão dela o Leão Coroado. Na mão dessa mulher. Os livros antigos, me parece, que está na mão de Mana, viu? Livro antigo do Leão Coroado. Que Seu Luíz antes de morrer deixou as coisas por lá, entendeu? Os livros antigos, parece, que não ficou na mão de Roberto Benjamin, que andava por lá, né?

IVALDO: Mas como é que foi essa história de Marta Gorda? É verdade que Madalena dizia que o Luiz não sabia de maracatu?

ROBERTO: Sim, existia isso. Mas Seu Luiz era um profundo conhecedor também, está entendendo? Seu Luiz era um profundo conhecedor do maracatu, porque quem passou junto de Dona Santa, rapaz, aprendeu muita coisa. E essa Marta Gorda, dizem que ela comia um latão daquele de querosene de jacaré. Aquela que o povo põe, né? Cozinhava no latão de querosene. Se lembra disso não, né? Você é muito novinho, se lembra disso não, né? (risos) Pegava aquele latão, lavava direitinho, tirava o “coiso” do querosene... O único perigo que tinha era se colocasse ele fechado, que ele explodia... Bum! (risos) Mas ninguém fazia isso. Aí ela enchia a feijoada tradicional. Cabeça de porco, completa dentro da feijoada. Disseram que ela era gorda demais, Marta Gorda, foi rainha do Leão Coroado.

IVALDO: Mas foi ela que vendeu o maracatu para Luiz de França?

ROBERTO: Não sei se foi vendido ou repassado. Repassa. Acho que foi de deixa. Repassa. Que Seu Luíz sempre me disse que o maracatu era de deixa¹³.

13 Entrevista com Antônio Roberto, realizada em sua residência, em 30/05/2009.

Luiz de França silenciava a respeito desta transição entre Afogados e Córrego do Cotó. E quando não era possível ocultar a transição, mencionava que Marta Gorda tinha sido uma das rainhas que passou pelo seu maracatu, assim como Dona Santa. E mais uma vez afirmo que esta estratégia em negar o passado, ocultar seu momento de aprendizado, é extremamente coerente com o ambiente de mestres e detentores de conhecimentos da cultura ‘popular’. Não nos esqueçamos do mito de Mestre Carlos, um dos mais famosos e recorrentes na literatura a respeito do catimbó e da jurema. Mestre Carlos, como se diz nos terreiros da jurema, aprendeu sem se ensinar. Nasceu feito, e por isto mesmo é poderoso, pois nenhum homem ou mulher o iniciou nos segredos da jurema. Vale à pena conhecer este belíssimo mito, que foi descrito em uma das obras de Mário de Andrade (2002).

Assim sendo, coerente com o meio ‘popular’, construindo-se como o guardião de um saber fazer, e apostando na performance centrada na tradição, Luiz de França obteve espaços e conquistou legitimidade, sendo ouvido em suas queixas a respeito das dificuldades por que passava o Leão Coroado. Isto lhe levou, certamente, a não contar algumas histórias a respeito de seu passado, a exemplo da transição que o Leão Coroado passou entre Marta e ele, além da mudança do maracatu para o Alto do Pascoal e em seguida para o Córrego do Cotó. Madalena, primeira rainha do Leão Coroado no ‘período pós Marta’, revela em sua entrevista depositada na Casa do Carnaval, que foi ela quem fez tudo que deveria ser feito nesse maracatu¹⁴. Luiz de França retruca e afirma que se Madalena fazia maracatu, devia mesmo esse favor para ele. Neste meio, percebe-se o poder da iniciação, ou de quem a emprega. O respeito de um filho de santo para o sacerdote em um terreiro, também se deve ao fato de que foi este

quem ‘iniciou’ aquele na religião. É comum em muitos terreiros a existência de pessoas que afirmam já terem nascidos feitos, que não precisaram passar pela mão de ninguém.

No meio do caminho e das intrigas sabe-se que Luiz de França de fato estava iniciando sua trajetória no mundo dos maracatus, e possivelmente buscou em Madalena, uma mãe de terreiro, apoio para fortalecer sua posição no Leão Coroado. Ambos eram jovens! Outro que lhe serviu de apoio foi Natérsio, que segundo as memórias de Nido do Caminhão foi o mestre de Luiz de França, ou, em outras palavras, o ‘mestre dos mestres’. A escolha de Luiz de França em se apresentar como o herdeiro do capital simbólico de Dona Santa não foi a única estratégia por ele utilizada ao longo de sua vida. Os indivíduos constroem seus perfis dentro de um tenso processo de negociação entre o que a sociedade quer ou espera de você, e os seus anseios, desejos e ambições (SCHECHNER, 1988, ELIAS, 1994a e b; 2001; GOFFMAN, 1985, 1988). Se Luiz de França desejava levar à frente o Maracatu Leão Coroado, necessitava do uso de recursos que lhe permitissem certa primazia perante os rivais, notadamente o Maracatu Indiano, com quem travou feroz batalha ao longo dos anos 1960 e 1970. E nada mais compreensível do que a construção de uma performance que lhe permitisse obter o respeito e as atenções de uma sociedade conservadora como Recife, mesmo que para isso ocupasse o lugar do melancólico, e do descendente de escravos (SILVA, 1997).

Conclusão

Luiz de França conseguiu ser reconhecido como o maracatuzeiro ‘autêntico’ e ‘tradicional’, estabelecendo as estratégias de guardião da ‘tradição africana’ existente nos maracatus, e do verdadeiro e único sucessor de

14 Entrevista com Maria Madalena, depositada na Casa do Carnaval.

Dona Santa. Não podemos negar, estimados leitores, que esta narrativa caía no agrado dos intelectuais pernambucanos, que viam com bons olhos a ideia da tradição repassada de geração em geração. Aliás, ainda hoje persiste uma memória oficial sobre Luiz de França, que é visto de modo oposto aquele existente nas memórias que discuti ao longo deste artigo. Persiste entre setores expressivos da intelectualidade local um Luiz de França que os seus contemporâneos não conheceram.

Nessa perspectiva, podemos entender parte das razões que levaram Luiz de França a construir uma performance baseada nas ideias de ‘tradição’ e ‘pureza’. Estas eram algumas das suas armas na luta pela hegemonia contra Madalena e Zé Gomes do Maracatu Indiano, e Eudes Chagas do Maracatu Porto Rico do Oriente. Poderia ter escolhido outras estratégias? Não sei ao certo, mas me parece que suas escolhas o fizeram situar-se em um lugar que lhe permitiu reivindicar o capital simbólico de Dona Santa, ao mesmo tempo em que ele conseguiu se consagrar como a autoridade máxima sobre os maracatus por muito tempo, aparecendo em matérias de jornal e entrevistas na rádio e na televisão.

Luiz de França não é uma farsa ou charlatão, mas um homem que soube construir para si uma performance que permitiu se inserir em uma sociedade hostil e cruel. Assim como fez com Dona Santa, reivindicando sua herança e memória, hoje ele é reivindicado por Afonso Aguiar, atual articulador, dirigente e mestre do batuque de um dos maracatus que possui o mesmo nome do grupo de Luiz de França: Leão Coroado. A história continua, as tradições se renovam e as disputas também.

Referências

- A MEMÓRIA dos maracatus. *Folha de Pernambuco*, Recife, capa, 11 fev. 1989.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ARRAIS, Raimundo. *A capital da sandade – destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Bagaço, 2006.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BARBOSA, Maria Cristina. *A nação maracatu Estrela Brilhante de Campo Grande*. 2001. 50 f. Monografia (Especialização)-Programa de Pós Graduação em Etnomusicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- BARBOSA, Virgínia. *A continuidade das mudanças musicais construindo re-conhecimento. A experiência do Maracatu Nação Estrela Brilhante (Recife)*. 2005. 251 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BASTIDE, Roger. *Imagens do Nordeste místico em branco e preto*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1945.
- _____. *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Editora Anhambí, 1959.
- _____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *O candomblé da Bahia*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- BATUTAS ganha o duelo com Banhistas por dois pontos. *Diário da Noite*, Recife, capa, 8 mar. 1973.
- BENJAMIN, Roberto. Dona Santa e Luiz de França: gente dos maracatus. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Memória afro-brasileira – artes do corpo*. São Paulo: Selo Negro, 2004. v. 2. p. 54-76.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Maria do Carmo; RIOS, Luis Felipe. O catimbó-jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). *Encantaria brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 160-181.
- CARVALHO, Ernesto Ignácio de. *Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CASCUDO, Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

- CLUBES, caboclinhos, troças, maracatus e escolas concorrentes. *Diário da Noite*, Recife, p. 7, 2 mar. 1962.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- _____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994b.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ESTEVES, Leonardo Leal. *Viradas e marcações: a participação de pessoas de classe média nos grupos de maracatu de baque-virado do Recife – PE*. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- FERRO, Marc. *O ressentimento na História*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Rainhas Coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. *Cadernos de Estudos Sociais* (FUNDAJ), Recife, v. 20, n. 1, p. 39-51, 2004.
- HORA de reavaliar a pernambucanidade. *Jornal do Commercio*, Recife, p. 1, 12 ago. 1995. Caderno C.
- KUBRUSLY, Clarisse Quintanilha. *A experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife*. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- LARA, Larissa Michelle. *O sentido ético-estético do corpo na cultura popular*. 2004. 226 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- LAVADEIRAS de Areias o campeão do carnaval. *Diário da Noite*, Recife, p. 2, 2 mar. 1960.
- LEÃO COROADO, uma tradição de 110 anos. *Diário da Noite*, Recife, p. 3, 24 fev. 1973. 1º Caderno.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife, 1930-1945. Recife: Bagaço, 2008.
- _____. *Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos*. Recife: Bagaço, 2012.
- LODY, Raul. *Maracatu Leão Coroado*. Funarte, 1987. (Documentário).
- MARACATU Coroado, Território Livre. *Diário da Noite*, Recife, p. 4, 7 maio 1973.
- MARACATU: a memória do folguedo ameaçada. *Folha de Pernambuco*, Recife, p. 10, 11 fev. 1989.
- MÁSCARAS estão proibidas. *Diário da Noite*, Recife, capa, 23 fev. 1973.
- MESTRE de Maracatu faz 94 anos. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. B3, 1 ago. 1995.
- MOTTA, Roberto. Religiões afro-recifenses: ensaios de classificação. *Revista Antropológica*, Recife, ano II, v. 2, p. 11-34, 1997. (Série religiões populares).
- MUSEU do Carnaval, Território livre. *Diário da Noite*, Recife, p. 4, 25 jan. 1978. 1º Caderno.
- OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (Org.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. 2. ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1955-1980.
- PESSOA, Verônica Araujo Dorta. *As muitas faces do maracatu: transformações e assimilações de um folguedo popular no Brasil dos anos 90*. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PINTO, Clélia Moreira. *Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico*. 1995. 211 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- RAMOS, Arthur. *O folk-lore negro do Brasil – demopsychologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- _____. *As culturas negras no novo mundo*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- REAL, Katarina. *O folclore no carnaval do Recife*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1967-1990.

_____. *Eudes, o rei do maracatu*. Recife: Massangana, 2001.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas – a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema: a tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. *Anthropológicas*, ano 08, v. 15, p. 99-122, 2004.

_____. *À sombra da jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra*. Recife: UFPE, 2010.

SANTANA, Paola Verri de. *Maracatu: a centralidade da periferia*. 2006. 366 f. Tese (Doutorado)-Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SCHECHNER, Richard. *Performance theory*. Nova Iorque: Routledge, 1988.

SILVA, Eduardo. *Dom Oba II D'África, o príncipe do povo – vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOLUÇÃO: tirar os políticos da folia. *Diário da Noite*, Recife, p. 3, 22 fev. 1973. 1º Caderno.

UM LEÃO sem coroa. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1, 14 jan. 1996. 2º caderno.

VANDEZANDE, René. *Catimbó*. Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica. 1975. 224 f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1975.

‘VASSOURINHAS’ e ‘Batutas de São José’ os campeões do carnaval em 1961. *Diário da Noite*, Recife, p. 5, 15 fev. 1961..